



O CAMPEONÉS

ÓRGÃO DOS CAMPEONES DE PORTUGAL

RECLAMEMOS:

- 1 - Uma jorna de 50.00 para os homens e 32.00 para as mulheres!
- 2 - Trabalho garantido para todos durante toda a ceifa!
- 3 - Proibição do emprego de máquinas enquanto houverem braços parados!

AS CEIFAS ESTÃO À PORTA!

Organizemos a luta por trabalho garantido, 50.00 para homens e 32.00 para as mulheres!



Vem chegando o mês de Maio e com ele a esperança dos ceifeiros e ceifeiras ocuparem os seus braços e ganharem alguns cöbres.



É com eles que se espera pagar o que se deve, comprar um bocado de pão para umas calças ou uma blusa e comer um pouco mais de pão e de conduto, ao menos durante os três meses das ceifas.

A dura experiência dos ceifeiros e ceifeiras mostra-nos que esses magros cöbres não hão-de vir por obra e graça dos grandes agrários e do governo, e que só a nossa união, organização e firmeza os há-de conquistar.

Já os grandes lavradores se mexem e se combinam para nos pagarem jornas arrastadas e à certa eles contam com o apoio do governo que está sempre ao lado dos ricos contra os pobres.

Pois se eles se organizam e se combinam façamos nós o mesmo. Eles não são os mais fortes. Se levantarmos ante os exploradores do suor camponês a invencível barreira da nossa união, as nossas justas e humanas reivindicações serão alcançadas. É isso o que nos dá a experiência e hoje o mais pequeno desprezo pela experiência será pago bem caro, com mais fome para os nossos filhos, mais miséria para os nossos lares.

As searas estão lindas e cheias por toda a parte, e nunca houve, e este ano ainda menos, qualquer razão para nos recusarem a satisfação dos nossos pedidos.

Como é que vamos, então, este ano, unir, organizar e pôr em acção as nossas forças?

EM PRIMEIRO LUGAR FORMEMOS A NOSSA UNIÃO!

O que se passou o ano passado é a prova mais provada de que onde estamos unidos conseguimos vitórias e onde a desunião se cava entre nós é a derrota certa.

A nossa união trouxe-nos o ano passado a vitória das nossas reivindicações em Viana do Alentejo, nas Alcáçovas, em Samora, em Alpiarça e outros locais, e aí se conseguiram as jornas mais altas de toda a ceifa.

Pelo contrário, quando não estivemos bem unidos como, por exemplo em Vale de Vargo, ou mesmo divididos como em Pias, as jornas foram mais baixas, muitos ficámos sem trabalho e os agrários conseguiram explorar-nos mais ainda.

Por isso a sólida união de todos os ceifeiros e ceifeiras, sejam solteiros ou casados, é a primeira coisa que temos de fazer e organizar. Temos de trabalhar para ela e vendermos as pequenas zangas, os ditos e mexéricos, os pequenos orgulhos que só servem para nos dividir e para fazer o jogo dos agrários.

Como é que vamos então trabalhar para isso?

A primeira coisa é fazer em cada localidade e região rural, grandes assembleias de ceifeiros e ceifeiras onde todos dêem a sua opinião dum maneira democrática, porque é

assim, a chegarmos à fala uns com os outros, que a gente se entende.

O ano passado fizeram-se várias assembleias que tiveram uma grande importância para as vitórias alcançadas.

Entretanto, em algumas outras, as coisas não correram bem e trabalhou-se dum maneira errada.

Algumas assembleias foram pouco numerosas, houve por vezes o receio de juntar muita gente com receio de prisões. Noutros casos as coisas discutidas ficaram só no segredo duns tantos o que dificultou a muitos trabalhadores acertarem o passo com os seus companheiros.

Façamos pois, amplas assembleias de ceifeiros e ceifeiras em cada local — nas Casas do Povo, nas praças de jornas ou em qualquer outro lugar — cheguemos à fala com os nossos companheiros doutras terras e traemos dum maneira absolutamente ampla e democrática tudo o que precisamos acertar com vistas às ceifas. Só assim assentaremos seguramente no que devemos fazer e no que vamos pedir.

Mas para isso é preciso organizarmo-nos.

FORMEMOS LARGAS COMISSÕES DE CEIFEIROS E CEIFEIRAS

Nas nossas assembleias devemos formar amplas comissões de ceifeiros e ceifeiras para nos representarem junto dos agrários, da Casa do Povo, das autoridades, e com eles discutirem as condições em que aceitamos fazer as ceifas.

O ano passado muitas comissões foram formadas, algumas bastante numerosas, e elas representaram um importante papel durante as ceifas. Mas a maior parte delas não foram escolhidas democraticamente e isso fez com que não cumprissem a sua missão e andassem um bocado isoladas dos restantes trabalhadores.

As comissões de ceifeiros e ceifeiras, depois de eleitas, devem manter-se em estreita ligação com a massa dos seus companheiros e serem constantemente apoiadas por eles.

Durante as ceifas as praças de jornas devem funcionar como assembleias permanentes dos ceifeiros e ceifeiras, onde as nossas comissões dêem conta dos seus passos e recebam as instruções da massa dos trabalhadores.

Se a comissão vai à Casa do Povo ou falar com as autoridades devemos ir em massa com ela, apoiá-la em todos os seus passos e defendê-la

da acção da GNR e da PIDE.

AS NOSSAS REIVINDICAÇÕES

Para fazer face à grande carestia da vida, que não pára de subir nós temos que lutar por uma jorna mais alta. O ano passado o nosso jornal deixou aos ceifeiros e ceifeiras de cada localidade o cuidado de estabelecerem a jorna que julgassem mais de acordo com as condições locais.

Em alguns pontos foram conseguidas jornas razoáveis. Por exemplo os ceifeiros de Alcáçovas conseguiram 55.00, os de Alpiarça 60.00, os do Monte de Caparica 70.00, enquanto as ceifeiras de Samora conseguiram 35.00.

Mas esta orientação causou algumas confusões e não contribuiu para unir os operários e operárias agrícolas.

Baseado na experiência do ano passado e dos anos anteriores, «O CAMPEONÉS» pensa que se deve lutar este ano por uma jorna de 50.00 para os homens e 32.00 para as mulheres.

Estas jornas devem servir de base a todos os entendimentos com os agrários e com as Casas do Povo quer seja no trabalho à jorna, nas empreitadas ou nos contratos para toda a ceifa. Se nos mantivermos firmes e unidos como um só bloco a jorna de 50.00 será alcançada e ultrapassada.

As empreitadas só trazem benefícios para os agrários que nos exploram ainda mais.

Foi por compreenderem isto que o ano passado os ceifeiros de Moura largaram a empreitada que tinham pagado e lutaram por trabalho à jorna tendo conquistado 35\$00 e 40\$00. É assim que devemos proceder, mas se alguns companheiros estiverem dispostos a pagarem nas empreitadas, devem lutar para que sejam pagas por preços superiores aos das jornas.

Mas a jorna de 50.00 de pouco nos valerá se ao mesmo tempo não lutarmos pela garantia de trabalho

(continua na 2ª pag.)

CELEBREMOS O 1º DE MAIO

O 1º de Maio é o dia internacional dos trabalhadores consagrado à conquista das 8 horas de trabalho. Nos campos de Portugal os operários e operárias agrícolas continuam a trabalhar de sol a sol para eles o horário das 8 horas é uma coisa desconhecida.

Pois bem: que neste dia, em todos os campos, vilas e aldeias do nosso país, os camponeses e camponesas assalariados comemorem o 1º de Maio reclamando as 8 horas de trabalho, exaltando a invencível unidade dos trabalhadores portugueses na conquista dum vida feliz e pacífica, lembrando os heróis que regaram com o seu sangue a luta emancipadora de todos os trabalhadores. Neste dia façamos amplas assembleias nas Casas do Povo, nas praças públicas, em toda a parte onde se possa confraternizar e nelas assentemos nas reivindicações a apresentar nas ceifas e formemos largas comissões de ceifeiros e ceifeiras para dirigir a luta.

Viva a invencível unidade dos trabalhadores do mundo inteiro!

VIVA O 1º DE MAIO!

AS LUTAS CAMPEONESAS POR PÃO E TRABALHO

Defrontando a desumana exploração dos grandes agrários e a repressão brutal da GNR e da PIDE, os operários e operárias agrícolas do Alentejo e do Ribatejo, a braços com o desemprego, lutam corajosamente pelo seu pão e o pão dos seus filhos procurando conquistar uma jorna melhor e trabalho assegurado. «O CAMPEONÉS» aconselha todos os operários e operárias agrícolas a multiplicarem essas lutas e a fortalecerem a sua unidade.

Em **MOURA**, 15 lagareiros que tinham lutado e conseguido fatos macacos para o trabalho do lagar viram que tinham sido enganados pelo patrão pois os fatos não prestavam. Em face disso resolveram renovar a luta pelos 200\$00 no fim da safra que tinham travado inicialmente sem resultado. O encaregado e o patrão começaram com o jogo do empurra. Protestando contra tal desonestidade e falta de palavra, os lagareiros recusaram receber a última fêria sem o pagamento dos 200\$00 o que acabaram por conseguir.

Também num monte desta região o agrário quis obrigar 12 mulheres a pagarem uma hora mais cedo. Num firme atitude as 12 mondadeiras abandonaram o trabalho e no dia seguinte o agrário se quis a monda

feita teve de aceitar o horário anterior.

Em **ALDEIA NOVA**, 15 trabalhadores foram despedidos por se recusarem a britar numa pedreira da região mais três quartos de metro cúbico de pedra. Em seguida a Junta das Estradas contratou outros 15 trabalhadores que igualmente se recusaram a fazer tal produção pelo que foram despedidos da mesma forma. Outros 15 foram contratados e igual recusa e novo despedimento. Vendo a unidade dos trabalhadores a Junta acabou por admitir os primeiros que tinha despedido mantendo o ritmo de produção anterior.

Em **PIAS**, os 150 desempregados foram várias vezes em grupos de 70 à Casa do Povo reclamar trabalho. Alguns têm sido enviados

para a estrada de Brinches onde trabalham cerca de 70 homens enquanto os operários agrícolas de Brinches são mandados trabalhar para perto de Pias. Uns e outros são assim obrigados a levantar-se às 5 e 6 horas da manhã só regressando a casa às 8 ou nove da noite apenas ganhando 16\$50. Um grupo de trabalhadores que enviou uma exposição ao ministro das Comunicações pediu aumento das jornas nas obras da Junta Autónoma das Estradas. O ministro concedeu o miserável aumento de 5 tostões o que indignou os trabalhadores. 8 homens que foram chamados para a tarrinadeira com a jorna de 16\$50 reclamaram e conseguiram uma jorna de 18\$00.

Em **BEAUVILA**, numa herdade,

(continua na 2ª pag.)



Vamos lá conversar, Zé!

— Bons olhos te vejam; Zé! Não há quem te ponha a vista em cima lá um rôr de tempo!...

— É verdade Toino, mas não penses que eu ando a fugir aos amigos. Tenho andado lá para a estrada de Serpa, e nem sempre me calha vir até ao povo.

— E olha que tens feito um bocado de falta por cá, agora que as ceifas estão á porta. Há para aí uma mancha de coisas que é preciso alinhar e o pessoal tem andado um bocado ás aranhas...

— Não me digas que a malta continua ás turras!...

— E é que continua mesmo, Zé! Tem havido discussão brava aí por todos os cantos por causa dos solteiros e dos casados. Uns dizem que a gente deve lutar todos unidos, outros acham que não. Sabes, cá por mim também acho que era melhor assim. Os casados deviamos organizar-nos á parte e os solteiros que tratassem lá eles uns com os outros.

— Isso é uma coisa sem geito nenhum, Toino! Se a gente vai oferecer aos agrários uma tropa dividida vamos perder a batalha. Onde é que raio vês tu razões para a gente andar assim uns para cada lado?

— Sabes, Zé, esta coisa da gente se meter com rapazes... Os moços e moças só querem saber da bola e dos bailaricos. Para eles a vida é uma cantiga. E depois, tu achas que a gente deve esquecer os amargos de boca que tivemos o ano passado?

— O que eu acho, Toino, é que assim não vamos direito. Pois repara mesmo no que aconteceu o ano passado. Andámos a puxar uns para cada lado com zangas e mexericos e o resultado foi que as jornas caíram para 35\$00 e menos. Quem se aproveitou com as nossas divisões foram os agrários.

— Está bem, mas os casados devem estar para um lado e os solteiros para outro!

— Só há dois campos, Toino — o dos agrários que nos exploram até aos ossos, e o nosso, o dos trabalhadores, sejam velhos ou novos, solteiros ou casados homens ou mulheres. Os jovens gostam d'abola e dos bailaricos? E então a gente, Toino? Não gostavas também de dar á perna quando eramos novos? E isso não nos impedia de encarar a vida a sério quando era preciso. Sentiamos como hoje a fome a roer-nos o estomago e sentiamos com a mesma raiva a injustiça dos agrários quando nos desentranhávamos a trabalhar e recebíamos apenas uma miséria.

— Não digo que não, Zé, mas os moços são um bocado desatvorados e a gente tem de ter um bocado de cuidado!

— Não digas isso, Toino! Está bem que os jovens têm cometido erros mas nós também os cometemos e bem grandes. Hoje não lucrámos nada em estar a chafurdar nos erros que cometemos. Deles só há que tirar lições para o futuro. O que temos hoje a fazer é chegarmos á fala com os jovens, conversarmos todos sobre as ceifas, que jornas havemos de pedir, como havemos de formar as nossas comissões, sobretudo que nos interessa. Nunca te esqueças, Toino, que a mocidade tem uma coisa que nos falta á gente e a gente tem outra que lhes falta a eles. A juventude tem a ousadia, a sede do novo que faz andar o mundo para diante. Eles têm a Primavera, no coração, Toino, e a gente vai caminhando para o inverno! Mas temos também a experiência a que dá os anos. Ora essas duas coisas que é preciso juntar, Toino, e se o fizermos vamos arrancar nas ceifas deste ano novas vitórias.

— Afinal, tu tens razão como sempre, Zé! É mesmo assim que temos de trabalhar.

A VOZ DO AGRICULTOR

«O CAMPONES» continua a ouvir alguns modestos agricultores que atravessam neste momento uma situação bem difícil.

Eis o que nos diz hoje um pequeno agricultor dos arredores de Beja.

— Apesar de ter uns pedacinhos de terra, aconteceu-me uma grande infelicidade: morreu-me uma vaca taurina que comprei com uns contos de reis que conseguí economizar, deixando de comprar roupas para a família, e mais algum dinheiro que pedi emprestado.

Pensava em vendê-la com ganho e depois fazer a monda e outros trabalhos na seara. Fiquei desprevenido, mas para não perder tudo fui á cidade falar com 3 ou 4 negociantes de cereais, que são os que dominam todo o negócio da região, para vender a seara na terra.

Puseram-me condições: «O senhor leva o dinheiro, depois colhe a seara, procura como correm os preços no mercado que eu pago o mesmo que os outros tirando um tostão em cada quilo em toda a seara». Todos eles punham estas condições e não tive outra forma senão aceitar.

Este empréstimo ainda escangalhou mais a minha vida. A seara foi paga pelo preço que quiseram e não paguei as dívidas. Tive de

vender um porco gordo que era para salgadeira ficando sem gorduras e condutos e tive de os comprar ruins e muito mais caro do que vendi. Quando a nossa vida começa a entortar-se nunca mais se endireita no estado em que as coisas estão.

Noutro tempo ainda havia quem fizesse um geito de emprestar dinheiro sem exigir nada, bastava a segurança da seriedade da pessoa. Hoje para quem tem fortuna já não há gente séria. «Muito tens muito vales, nada tens nada vales.»

UM SEAREIRO DA REGIÃO DE AVIZ ESCRIBE-NOS:

«A nossa vida está muito difícil. Hoje dão terra mais ruim e menos productiva e exigem o 4º ou o 5º limpos. Dantes, o lavrador dava os adubos para o 4º ou o 5º hoje não dão nada. Dantes davam um pedaço de terra cheia de mato para limpar e semear. Hoje tanto faz ter muito mato como não, temos de pagar o 4º ou o 5º logo ao primeiro ano.

Os adubos estão mais caros, cada 100 kilos de amónio custam 230\$00 ou mais, os outros custam 80\$00 os 100 kilos. A ferragem é um dinheiro, não temos abonos. O abono que temos é um empréstimo por um ano para comprar o adubo, com um juro de 4%. Não temos abonos para as mondas ou para os

As ceifas estão á porta

(continuação da 1ª pág.)

para toda a ceifa.

Isto quer dizer que temos de lutar também para que não empreguem máquinas ceifeiras enquanto houver ceifeiros e ceifeiras sem trabalho.

O ano passado em Baleizão, Aldeia Nova, Sábara e outras localidades, os agrários meteram máquinas a ceifar deixando centenas de braços sem ocupação e muitos estômagos com fome.

Os agrários servem-se da ameaça das máquinas para nos imporem jornas baixas e empreitadas de miséria.

Devemos lutar com todas as forças contra o emprego das máquinas nestas condições e ao mesmo tempo apelar para os tratadistas para que se recusem a conduzir as máquinas enquanto houver um homem sem trabalho.

É também de esperar, como nos anos anteriores, que os agrários contratem pessoal de fora por jornas mais baixas.

Devemos agir para que nenhum rancho de fora seja contratado sem que os ceifeiros e ceifeiras da própria terra estejam todos empregados.

Se não pudermos conseguir isto então actuemos junto dos ceifeiros de fora para que façam a unidade conosco e exijam a jorna pedida pelos trabalhadores locais.

Os exemplos dos ceifeiros de Santa Iria em Serpa, dos de Cabeção e dos beirões em Alcórregos, dos algarvios em S. João de Negrilhos, e outros que no ano passado fizeram causa comum com os trabalhadores locais, mostram que é possível trazer para o nosso lado os ceifeiros de fora desde que lhes expliquemos fraternalmente que os seus interesses são os nossos e que não devem prestar-se a fazer o jogo dos agrários.

Em resumo: «O CAMPONES» propõe a todos os ceifeiros e ceifeiras que se lute este ano pelas seguintes reivindicações principais:

- 1 — Uma jorna de 50.00 para os homens e de 32.00 para as mulheres, no trabalho de jornal, nos contratos e nas empreitadas;
- 2 — Trabalho garantido para todos durante toda a ceifa;
- 3 — Proibição de emprego de máquinas ceifeiras enquanto houver um braço sem trabalho;
- 4 — Um contrato livremente discutido e aceite pelos trabalhadores e garantido pelos agrários, pelas Casas do Povo, pelo INT e por representantes legítimos dos ceifeiros.

Lutas Camponesas

(continuação da 1ª pág.)

7 trabalhadores que andavam a mendar por 16\$00 pediram 18. Apesar de um rôr sido despedido conseguiram o aumento pedido.

Em **EXTREMOS, SOUSA e MONTE-MOÇO-NOVO**, os operários agrícolas desempregados têm feito várias diligências junto das Casas do Povo e muitos têm sido distribuídos pelos trabalhos públicos.

Em **AVIZ**, ainda na azeitona, as mulheres começaram a 19\$00 os 100 litros mas pela sua luta conseguiram 20, 22, 25 e até 30\$00. Os lagareiros conseguiram os 25\$00 nas 10 horas.

Em **BALIZÃO**, seguindo os conselhos de «O CAMPONES», os operários e operárias agrícolas conseguiram jornas de 20\$00 para os homens e 12 para as mulheres, nas mondas, estando as mulheres a lutarem pelos 15\$00.

Em **MONTE DE CAPANICA** no trabalho das quintas os camponeses conseguiram jornas de 52\$00 e 40\$00. O proprietário Sequeira queria apenas pagar 25\$00 mas todos os assalariados abandonaram o trabalho recusando essa jorna.

Carta duma Camponesa

Eu vivo no Baixo Alentejo na terra do pão, a trabalhar de noite e de dia com uma grande canseira para o pão produzir. Mas logo que acabo a ceifa empurram-me para minha casa e eu satisfeita vou comer os lucros que já tirei do meu trabalho. Abro á porta encontro-me só com cadeiras partidas, mesas escangalhadas e o pão na casa de quem não deu uma pequena força dos seus braços para o fabricar.

Fico a pensar e pergunto a mim mesma: mas haverá direito disto? Ao mesmo tempo penso no azeite que logo que chega o mês de Novembro começo com a faina da azeitona um mês, dois e até três como várias pessoas, onde se colhem toneladas e toneladas de azeite, mas na minha casa não se encontra senão aquela pequena porção de 1 decilitro que se vai buscar á mercearia, mas é óleo.

Onde está o azeite? Na casa dos grandes latifundiários que nenhum trabalho prestaram para o seu fabrico.

Isto é toda a minha vida e o meu pensamento, mas agora na minha casa pobre mas humilde penso na maneira que hei-de fazer para ter o lucro do meu trabalho e a melhor forma que encontrei foi lutar para que esta vida mudet